

Graffiti/Pixação no chão da escola: reflexões do diário de campo para a formação docente em Geografia

Jamila Reis Gomes¹, Eduardo Oliveira Miranda², Maria Cecília de Paula Silva³

Resumo

Em formato narrativo e com respaldo na metodologia da etnopesquisa crítica, trazemos, por meio deste texto, a experiência de sermos educadores em processo formativo, que se utiliza da escrita de um diário de campo como projeto de conhecimento e formação. Acreditamos que o currículo escolar precisa ser explorado pautado na cosmovisão, criando várias formas de pensar a Geografia. Para tal, recorreremos a Boaventura de Souza Santos (2002), por visualizar em sua obra a possibilidade de legitimar experiências sociais não oficializadas pelo poder hegemônico, tais como: graffiti/pixação. Portanto, visualizamos o Estágio Supervisionado em Geografia da Universidade Federal da Bahia como o campo oportuno para efetivar a práxis, ao relacionar a educação geográfica e a temática do graffiti/pixação. O artigo apresenta quatro momentos, que são articulados e apontam os diálogos verbais e imagéticos, construídos ao longo de quatro encontros com uma turma do 2º ano do ensino médio de uma escola pública do município de Salvador, Bahia.

Palavras-chave

Graffiti/Pixação. Cultura Urbana. Estágio Supervisionado. Geografia.

1. Graduanda em Geografia na Universidade Federal da Bahia, Brasil; membro do grupo de pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU/UFBA). E-mail: jamilareisgomes@gmail.com.

2. Doutorando em Educação na Universidade Federal da Bahia, Brasil; professor substituto da Faculdade de Educação na mesma instituição. E-mail: eduardomiranda48@gmail.com.

3. Pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Estrasburgo, França; professora associada da Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: ceccece@gmail.com.

Graffiti/pixação on the ground of the school: reflections of the field journal for teaching training in Geography

Jamila Reis Gomes*, Eduardo Oliveira Miranda**, Maria Cecília de Paula Silva***

Abstract

In a narrative format and with support in the methodology of critical ethnological research (etnopesquisa crítica), we bring through this article the experience of being an educator in a formative process, which uses the writing of a field journal as a project of knowledge and formation. We believe the school curriculum needs to be explored based on the worldview, creating several ways of thinking about Geography. For this, we refer to Boaventura de Souza Santos (2002), because we visualized in his work the possibility to legitimize social experiences not officialized by hegemonic power, such as: graffiti/pixação. Therefore, we visualized the Supervised Internship in Geography of the Federal University of Bahia as the opportune field to perform praxis, when relating the Geographical Education and the graffiti/pixação theme. The article presents four moments that are articulated and point out the verbal and imagistic dialogues, constructed during four meetings with a public school group in the city of Salvador, State of Bahia, Brazil.

Keywords

Graffiti/Pixação. Urban Culture. Supervised Internship. Geography.

* Undergraduate student in Geography, Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil; member of the research group Urban Space Production (PEU/UFBA). E-mail: jamilareisgomes@gmail.com.

** PhD student in Education, Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil; substitute teacher at th said institution. E-mail: eduardomiranda48@gmail.com.

*** Postdoctorate in Sociology, Université de Strasbourg, França; associate professor, Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil. E-mail: ceccece@gmail.com.

Introdução

Graffitis/pixações: caminhos metodológicos

A experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. (SANTOS, 2002, p. 238).

Iniciamos a nossa produção textual com a citação de Boaventura de Souza Santos (2002) com a finalidade de demarcar nosso posicionamento, não meramente geopolítico, mas por acreditarmos que as inquietudes articuladas nas próximas linhas transitam no campo das Epistemologias do Sul, posto que abordaremos o *graffiti*/pixação como potentes dispositivos culturais responsáveis por compor as paisagens urbanas.

Refletir sobre a maneira como as intervenções urbanas podem ser introduzidas em uma prática educativa para uma aula de Geografia, possibilitando o diálogo com outros temas nela encontrados, transmuta dos currículos tradicionais, o que para Santos (2002, p. 238) seria um reposicionamento à razão indolente. Expandir o presente, ampliando as discussões, para que o futuro abarque a diversidade e contenha temas que atendam a demanda das minorias. Sobre uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, Santos (2002, p. 238) afirma que:

A experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as ideias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim, e outras semelhantes. Em terceiro lugar, para combater o desperdício da experiência, para

tornar visíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, de pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos. No fim de contas, essa ciência é responsável por esconder ou desacreditar as alternativas. Para combater o desperdício da experiência social, não basta propor um outro tipo de ciência social. Mais do que isso, é necessário propor um modelo diferente de racionalidade. Sem uma crítica do modelo de racionalidade ocidental dominante pelo menos durante duzentos anos, todas as propostas apresentadas pela nova análise social, por mais alternativas que se julguem, tenderão a reproduzir o mesmo efeito de ocultação e descrédito.

A demanda por ampliar os elementos possíveis de serem abordados por parte da Geografia se faz urgente na conjuntura atual, ainda mais por ser uma ciência que estuda a forma com a qual os homens se relacionam entre si e com a natureza. Sendo assim, tentar estimular a visão dos/as alunos/as para a análise do espaço oportuniza a eles/as o seu papel nesse contexto enquanto ser social, ao considerar a percepção que o indivíduo tem do espaço geográfico, o que potencializa o caminho para um conhecimento identitário dos/as alunos/as

Nessa perspectiva da cultura visual como uma referência para situar os debates sobre o que vemos a partir das formas na cidade, passa-se a “favorecer a mudança de posicionamento dos sujeitos de maneira que passassem [passem] a constituir-se de receptores ou leitores a visualizadores críticos” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 38). A abordagem sobre a população e suas manifestações culturais como elemento fundante para subsidiar o conhecimento será a própria cultura produzida pelos diversos grupos sociais no ambiente urbano. A cidade entra em cena como receptáculo de todos esses processos e como produtora de lugares, os quais ganham este significado a partir das referências “produzidas por um conjunto de sentidos”

(CARLOS, 1996, p. 22).

O *graffiti* e a *pixação*, de maneira subliminar, revelam ruídos urbanos, produção e criação do espaço, manifestações artísticas de diversos grupos que é tanto estética como política. Conflitos urbanos que se materializam no território, apropriando-se de espaços públicos que Lefebvre (2001) denomina de espaços vividos e direito à cidade.

A tecitura da presente produção textual teve o seu início no ano de 2016, precisamente por inquietações advindas de nosso percurso na graduação – licenciatura em Geografia – na Universidade Federal da Bahia (UFBA). No componente curricular de Estágio Supervisionado em Geografia III, fomos conduzidos a assumir a regência de turmas da Educação Básica pública no município de Salvador, capital baiana. Nesses eixos, ao pensar a metodologia que melhor respondesse as nossas interpelações, tivemos acesso à etnopesquisa crítica formatada pelo professor Roberto Macedo (2010), o qual aponta para a necessidade do educador visualizar o seu lócus de trabalho como fonte de reflexão e levantamento de problemáticas a serem estudadas, pois “a pesquisa deixa de ser um privilégio de poucos iniciados, transforma-se numa prática cotidiana a serviço de uma percepção educativa eminentemente democrática” (MACEDO, 2010, p. 47).

Conseguimos compreender as colocações de Pimenta e Lima (2008) ao elucidarem que o estágio, no espaço escolar, tem o potencial para forjar a identidade docente dos sujeitos envolvidos no processo de formação inicial.

Optamos pela etnopesquisa crítica por ser uma abordagem metodológica de cunho qualitativo que não descarta e nem inferioriza a participação do sujeito de estudo, já que “traz, pelas vias de uma tensa interpretação dialógica e dialética, a voz do ator social para o *corpus* empírico analisado e para a própria

composição conclusiva do estudo” (MACEDO, 2010, p. 10). A partir dessa realidade, definimos o Diário de Campo como o dispositivo fundante na produção dos dados efervescidos durante as experiências no Estágio Supervisionado em Geografia III, já que “o diário é um dispositivo de grande relevância para acessar os imaginários envolvidos na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista” (MACEDO, 2010, p. 134). Para tal, ressaltamos que a nossa compreensão de diário de campo não obedece a rigidez de um caderno fixo, mas abarca todo o processo investigativo com etapas não lineares, tais como: exibição de vídeos, discussões, exercícios do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), redação, *lambe-lambe*, grupo no *whatsapp* e análise de imagens.

Portanto, ao mesclar a etnopesquisa crítica, o diário de campo e a construção da identidade docente é que dividimos as próximas etapas da produção textual em três momentos: 1º Momento – Coisas que se experimentam e se vivem (nessa intinerência iniciamos os primeiros contatos com as turmas, com a escola, e começamos a perceber como o chão da escola é movido pelos corpos que ocupam aquele espaço); 2º Momento – “Só saberei ensinar/educar se eu souber aprender” (o segundo movimento representa as trocas de experiências com os educandos e de que forma eles conseguem visualizar a ciência geográfica no seu cotidiano); 3º Momento – Compartilhando saberes (alcançar esse momento representa a mescla entre o conhecimento científico acessado na formação em Geografia, bem como, os saberes que os educandos expressam acerca das suas travessias de vida); 4º Momento – Experiências e encantamento na prática pedagógica (o momento final se configura como a prerrogativa de formação inconclusa, ou seja, a docência exige do profissional constante atualização dos saberes).

1º Momento – Coisas que se experimentam e se vivem

O primeiro dia antes de conhecermos a turma e até mesmo o colégio gerou em nós certa ansiedade. Estávamos animados e ao mesmo tempo apreensivos, pois estávamos prestes a pôr em prática o que havíamos pensado em um novo território depois de muita pesquisa, debates em sala de aula, orientações, estudos de textos e muita discussão acerca do tema, assunto, conteúdo e como seria nossa metodologia em sala de aula.

A aula estava marcada para o último horário. Chegamos mais cedo. Observamos a estrutura do colégio, havia muitos alunos no pátio, conversamos com alguns deles. Uma estudante relatou que não sabia o que estava sendo abordado nas aulas de Geografia, porque a turma teve poucas aulas devido a greves, paralisações e falta de professores. No primeiro dia, no último horário, havia apenas nove estudantes, a justificativa por parte deles foi que “o último horário na segunda-feira sempre era vazio e era dia do futebol”.

Em média havia 40 matriculados, porém pouco mais de 20 estudantes frequentavam as aulas regularmente. Iniciamos a aplicabilidade da primeira aula, de acordo com sequência didática planejada previamente. Em coletivo, construímos o conceito de cultura urbana a partir da semântica de “cultura” e “urbano”, perguntando-lhes quais palavras eles associavam a elas. Houve bastante participação dos/as alunos/as. Posteriormente, apresentamos em *slide* um conceito de cultura urbana elucidado por Mendonça (2009, p. 23): “expressão de grupos que desenvolvem sua arte nas ruas, nos bairros, em espaços públicos que são democratizados, criando novas sociabilidades”. Para a nossa surpresa alcançamos, por meio do diálogo com os/as educandos/as, uma conceituação muito próxima da exposta por Mendonça (2009).

As trocas oportunizadas no primeiro encontro apresentaram a exibição dos vários meios de expressões culturais que são entendidos como cultura urbana. Alguns alunos trouxeram exemplos que eles conheciam. Com essas manifestações culturais expostas, foi possível abordar outros temas mais tradicionais, ainda presentes na produção didática dos livros escolares – gentrificação, cidade, população, densidade demográfica, espaço público, transporte etc. –, conduzindo um diálogo e uma ponte direta com a compreensão da realidade e dinâmicas da vida pessoal cotidiana.

Na busca de uma experiência mais próxima e no diálogo com as mudanças que vêm ocorrendo em todas as instâncias do mundo moderno, em especial o uso das tecnologias para comunicação e informações, sugerimos como atividade a criação de um grupo no *WhatsApp*, para compartilharmos nossas vivências, *graffitis* e *pixações* expressos em muros que estão presentes no nosso cotidiano da cidade, já que a escola é reflexo da vida cotidiana: “a escola não é uma célula isolada e deve estar integrada às ações da própria sociedade. Na atualidade, com o desenvolvimento tecnológico acelerado que estamos vivenciando, a escola precisa ficar atenta e estar conectada à realidade” (AQUINO JÚNIOR, 2007, p. 79).

Por isso, recorremos aos meios de comunicação digital como estratégia de estreitar os laços e socializar o conhecimento que pode ter início na sala de aula, mas que também se frutifica no chão da rua. A turma se mostrou empolgada e tivemos a ajuda de duas alunas para a administração do grupo. Acreditamos que essa ferramenta foi de fundamental importância para estreitar a relação com os alunos, tal experiência demonstra que nós, professores, podemos utilizar o *WhatsApp* como aliado no fazer pedagógico.

Após vários debates em sala de aula e também nas redes sociais, sentimos a necessidade de trabalhar algumas conceituações

para pixação. Para Gitahy (1999, p. 19) alguns dos significados de pixação⁴ podem ser: “ação ou efeito de pichar; escrever em muros e paredes; aplicar piche em; sujar com piche; falar mal – de acordo com esse último conceito, não há quem não tenha pichado uma vez na vida”. Dessa forma, fomos a primeira a “pixar” o nosso grupo na rede social, ou seja, enviamos para o coletivo a imagem abaixo (Figura 1).

Figura 1 – “Resisto e luto por educação de qualidade”.



Fonte: Acervo dos autores (2016).

A pixação escolhida traz uma mensagem que estabelece demarcadores sociais, o local do qual falamos, e como vemos a relevância dos/as alunos/as compreenderem isso. Resistir e lutar faz parte das nossas características identitárias, a resistência diária por sermos mulher negra e acreditarmos em uma educação de qualidade. Mensagem dada em um graffiti na sua forma de pixação, que é a vertente na qual mais nos identificamos.

Dessa forma, construir parcerias dialógicas e dialéticas com os/as educandos/as significou um momento de suma relevância na construção de nossa identidade docente, da forma com a qual passamos a ressignificar nossa profissionalização, bem como o olhar que lançamos ao nosso próprio corpo e, conseqüentemente, ao trato pedagógico com o

corpo do outro.

2º Momento – “Só saberei ensinar/educar se eu souber aprender”

Em nosso segundo momento, a turma estava quase que completa. Houve certo transtorno, pois não conseguimos ocupar a sala de vídeo que estava sendo utilizada para uma reunião com o diretor e outros funcionários.

As instituições públicas se encontram diante de alguns problemas, como: salas cheias e mal equipadas, apenas o quadro e os alunos em fileiras. Essas questões inesperadas fazem parte da nossa formação docente. E são muito válidas, posto que nos estimulam a pensar rapidamente em distintos recursos para atender o que temos em aula, como aponta Buriolla (2014 apud PIMENTA; LIMA, 2008, p. 10):

O estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade.

Nessa perspectiva de construção identitária, introduzimos a ideia do que é a pixação e o *graffiti*, dois modos de expressões culturais bastante próximos, mas que se distinguem em alguns aspectos. A construção do conceito aconteceu de forma similar ao que havia acontecido na aula anterior. Alguns alunos reproduziram o senso comum, sobre a pixação, vista como um ato de vandalismo. Na entrevista para revista online *Circuito Mato Grosso*, Babu⁵ (2015) opina que a pixação é um tipo de linguagem: “São códigos urbanos. Caracteres que falam sobre determinado grupo. Uma iconografia urbana”. Ele completa dizendo que a arte de pixar rompe barreiras

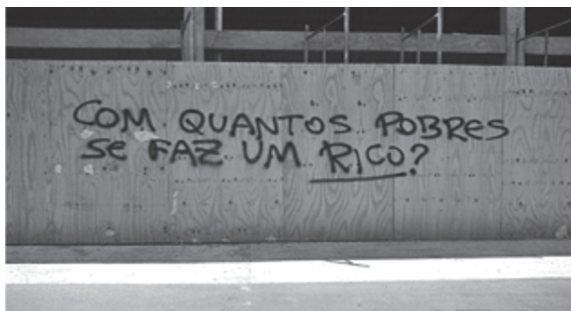
4. Pixo e pixação com “x”, pois é o modo como agentes advindos desse grupo preferem identificar sua tipografia, diferenciando e especificando essa manifestação urbana brasileira.

5. Grafiteiro que tem obras espalhadas pela capital mato-grossense

estéticas e têm viés político. “É uma arte que não existe sem conflito”, relata o grafiteiro.

Considerada para uns como arte e para outros como um problema em expansão, Wainer (2005, p. 98) ressalta que: “Toda arte que se preze tem de incomodar, causar no espectador algum tipo de reação à qual ele não está acostumado. A pixação é um bom exemplo de como cumprir bem este papel”. Dessa forma, o pixar se configura como uma manifestação cultural urbana, produzida por indivíduos que pretendem, por meio de sua arte, causar incômodo, atingir um maior número de pessoas, pois se materializa em espaços públicos, que cria territorialidade e, de certa forma, uma democratização da arte. Na imagem a seguir (Figura 2), compartilhada pelo estudante Ninja⁶, abrimos uma discussão acerca da desconstrução da ideia da pixação ser um ato sem intencionalidades.

Figura 2 – “Com quantos pobres se faz um rico?”



Fonte: Acervo dos autores (2016).

Ao valorizar a imagem compartilhada por Ninja, colocamos no quadro dados importantes sobre pixação e *graffiti* e pedimos aos/às alunos/as que os anotassem juntamente com o que consideravam importante nas nossas falas, como um modo de fixar ou lembrar depois da aula. Houve bastante participação em sala. O final da aula serviu para alguns estudantes sanassem

algumas dúvidas. Em uma conversa com o aluno Cogumelo, perguntamos o que ele tinha achado da aula, ele respondeu-nos dizendo que havia gostado bastante, pois tínhamos promovido um debate em sala, algo raro de acontecer, e trazido uma temática que ele se identificava. Indicamos que ele assistisse ao documentário *PIXO*, que retrata de forma bastante direta o que é o movimento da pixação e apresenta falas de pessoas envolvidas nesse universo.

Reforçamos a ideia de compartilhar as fotos de *graffiti* e pixações no grupo do *WhatsApp* e falamos sobre a redação que seria entregue no último dia de aula, na qual os/as alunos/as deveriam relacionar a cultura urbana com os diferentes tipos de manifestações culturais no espaço urbano, principalmente o *graffiti* e a pixação.

O conteúdo de algumas imagens compartilhadas foi discutido, como a frase “que a língua do povo alarde contra as armas de fogo e o genocídio” (Figura 3), localizada em frente a um ponto de ônibus no bairro da Barra, em Salvador, Bahia.

Figura 3 – “Que a língua do povo... alarde contra as armas de fogo e genocídio”.



Fonte: Acervo dos autores (2016).

Abordamos também o Mapa da Violência de 2002-2012⁷, que mostra o significativo

6. Nomes fictícios escolhidos pelos estudantes como forma de preservarem suas identidades.

7. Dados disponíveis em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf>.

aumento no número de assassinatos, principalmente de jovens negros, dados preocupantes e que indicam a necessidade de mobilização. Comentamos, então, sobre o Movimento Popular da Juventude, sugerindo aos/as alunos/as que olhassem a página no Facebook, e sobre os diversos movimentos sociais que tratam das mais diversas demandas enfrentadas na sociedade.

Constatar o envolvimento da turma com a temática se configurou como um momento de expandir os desejos em construir aulas de Geografia que busquem “afetar” os/as educandos/as. Afetar no sentido de proporcionar diálogos potencializadores de outras compreensões sobre temas que convencionalmente são deturpados pelo poder hegemônico, o mesmo que legitima o currículo da escola. Mas, a nossa Geografia precisa e deve ser utilizada para tencionar, provocar rupturas e desconstruir posturas que nem as mais diversas experiências.

3º Momento – Compartilhando saberes

Durante a semana que antecedeu o encontro, avisamos no grupo o que iria acontecer na aula: resolução de questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), vídeo sobre pixação e *graffiti* e debate sobre o conteúdo dos vídeos e fotos compartilhados. Novamente estávamos lá, na segunda-feira, último horário, mas diferente da primeira aula, a turma estava mais cheia, havia 18 alunos, visivelmente interessados, atentos ainda que cansados.

No primeiro momento, distribuímos o material com cinco questões retiradas do Enem de diversos anos, relacionadas à cultura urbana. Foram 10 minutos para que eles respondessem para que depois discutíssemos em sala as dúvidas as alternativas. Também disponibilizamos um guia-prático de como se produzir um lambe-lambe, atividade que seria iniciada nessa aula.

Três questões foram debatidas. Percebemos que a maioria acertou as questões, indicativo que conseguiram associar os conteúdos abordados. Foram dadas algumas dicas sobre como proceder na prova do Enem: relacionar sempre a resposta com o texto da questão, prestar atenção às vírgulas e sentenças com preposições “sempre” e “nunca”, extremistas. Uma das alunas sugeriu que respondêssemos as outras questões, mas a turma preferiu assistir ao vídeo. Entendemos que por ser o último horário, os/as estudantes já estavam cansados/as e famintos. Assim, optamos por exibir os vídeos e na, aula seguinte, responder a duas questões restantes.

Assistimos ao vídeo, “Por trás da pichação e do *graffiti* em SP. Mobile na metrópole: conflitos urbanos” e uma matéria jornalística referente à importância e ao crescimento do lambe-lambe em diversos espaços: “O lambe-lambe é reconhecido como arte urbana”.

Ao final dos vídeos, realizamos perguntas referentes ao conteúdo assistido, como os problemas identificados em São Paulo, similares aos de Salvador, e o que seria uma metrópole, entre outras. Percebemos que a maioria dos/as estudantes mudara de opinião em relação ao *graffiti* e pichação.

Explicamos a produção do lambe-lambe que seria feito na aula seguinte. A turma se mostrou animada. Falamos do texto que iriam produzir. A princípio, pensamos que seria algo difícil, já que havíamos tido poucas aulas, mas fomos surpreendidos positivamente, posto que muitos já conseguiam relacionar o texto com o tema da cultura urbana e com outros temas da Geografia. Explicamos o sistema de avaliação e a distribuição de pontos.

Depois da terceira aula, houve aumento do envolvimento dos/as alunos/as com o projeto, recebemos fotos que foram tiradas por eles/as dos ônibus, a caminho de casa, nos bairros, entre outras territorialidades. Ao total foram mais de 100 fotos compartilhadas e comentadas, como a foto abaixo (Figura 4).

Figura 4 – Barco grafitado.



Fonte: Acervo dos autores (2016).

O aluno que havíamos indicado o documentário *Pixo* comentou no grupo do *WhatsApp*: “essa parada de pixação é muito maior do que se vê nas ruas e o que a gente tinha visto em sala” (Cogumelo, 2016). Conversamos um pouco sobre a ideologia que há por trás da pixação, explicando que o porquê de não aprofundarmos mais no assunto. Explicamos que tínhamos pouco tempo com eles/as, já que a nossa participação naquele espaço estava sob a tutela da universidade e por isso tínhamos uma carga horária curta a cumprir.

O *graffiti* nasce na cidade, no espaço da indiferença e onde se materializa as desigualdades, conforme ressalta Kaplan (2012). A busca por uma visibilidade marcou o *graffiti* que invadiu os trens do metrô nova-iorquino na década de 1970, momento em que a primeira geração de pixadores e grafiteiros transitou pelas vias expressas, rompendo os limites da geografia urbana e das fronteiras sociais. Foi quando jovens, individualmente ou em grupos, saíram às ruas e usaram a autoexpressão como uma válvula de escape para a violência e a criminalidade que grassavam nos guetos habitados por uma população afrodescendente e latina. Como expressão emergente, o fenômeno do *graffiti* em Nova York partiu de grupos sociais residentes em locais de baixa renda (notadamente nos bairros do Harlem, Brooklin e Bronx), onde a

violência e a criminalidade se apresentavam de forma aguda, reflexo dos problemas sociais e econômicos pelos quais passava a cidade.

No Brasil, a pixação começou a surgir em 1965, no governo Castelo Branco, na ditadura militar, como relata o pixador Cripta, no documentário *PIXO*. Nota-se que o *graffiti* surge sempre como um ato de reviravolta dos silenciados, uma minoria que quer ser “ouvida”. Hoje, no Brasil, tanto o *graffiti* quanto a pixação compõem um dos pilares da produção cultural, elaborada essencialmente por jovens da periferia, fora dos padrões hegemônicos que vão utilizar sua própria linguagem como um meio de defesa e ataque, reafirmação de identidade e personalidade, como salientou o aluno Cogumelo (2016):

Cultura verdadeiramente marginal, urbana e potencialmente criminosa. Pixação, *graffiti*, duas formas de arte com objetivo social, porém vista com preconceito pela sociedade que não reconhece as motivações do artista. A pixação deriva do movimento punk que tem relação com a anarquia. Com frases políticas, as pixações punks eram verdadeiros socos na cara da sociedade, levantando questões que incomodavam os que queriam o comodismo social. Diante de uma sociedade cheia de padrões, o *graffiti* e a pixação se posicionam como uma forma de arte que desrespeita esses padrões e essa é a característica principal dessas formas de arte.

Conduzindo a discussão para o contexto soteropolitano, o *graffiti* e a pixação assumem formas tipográficas próprias e plurais, tanto estéticas quanto políticas. Essas intervenções criam ruídos que se propagam na paisagem urbana em toda cidade.

Segundo a antropóloga da Universidade Federal da Bahia, Rosilene Alencar, esse fenômeno chega a Salvador por volta dos anos de 1990 com características tipográficas originárias da cultura *punk*, com uma gangue intitulada TU (Turbilhão Urbano), composta em

sua maioria por jovens advindos da periferia, dispostos a “serem vistos”, principalmente no “novo centro” com a inauguração do antigo Shopping Iguatemi na Av. Antônio Carlos Magalhães. “*Faustino rouba miudezas nas americanas*” famosa frase posta em muros da cidade, nos anos de 1990, por pixadores como os Irmãos Metralha, Naked, Press.

Em Salvador há uma mescla (assim como em toda parte do mundo) dos grupos que produzem intervenções urbanas, desde artistas que entraram no circuito oficial da arte mundial com representantes importantes como Bigod, Calangos e Limpo, a outros que mantêm sua arte *underground*, Obzo, Corvo, Sinza, Kaya, DMT, Luna, Scank, Vírus, Jerry Bizarro etc. que espalham suas *tags* em formas tipográficas e pictográficas com caracteres próprios que compõe o chamado “letrado baiano”, criado no início dos anos 2000.

Uma característica singular da pixação é a forma que seus agentes criaram para se comunicar, a tipografia ou caligrafia chamada de “letrado baiano”, produz um subuniverso comunicacional original, letra-corpo, o traço ilegível para alguns. Tomando ressalva com as narrativas e interpretações, mas contemplando-as. O pixador Kaya diz sobre o letrado baiano:

Há também uma possível aproximação do tamanho das letras, elas geralmente ocupam cerca de dois metros cada uma, podendo uma única *tag* condinome ser escrita em um único muro com mais uma ou duas letras do alfabeto que representam a gangue ou família a qual a gente pertence. É provável que essa maneira de escrever os símbolos esteja ligada com uma memória afro-ameríndia e o gingado do corpo em golpes da capoeira advindos da diáspora africana outrora concentrada na cidade.

Essas intervenções urbanas surgem de contextos caóticos como resposta daqueles que são invisibilizados pelo poder público. Alex Hornest, artista urbano que deixa suas

marcas pelas cidades desde os anos de 1990, como também em galerias, contextualiza o *graffiti* com as cidades, essas intervenções visuais deixadas em lugares que gritam o caos urbano, Onesto (codinome de Alex Hornest) diz que: “O que o *graffiti* consegue fazer de bom é levantar a questão: onde tem *graffiti*, tem abandono! O artista de *graffiti* procura lugares abandonados para se expressar”.

De formar limiar, essas manifestações surgem como alternativas de se pensar a produção e apropriação do espaço urbano, criando um diálogo com as ideias de Milton Santos, ao refletir sobre a complexidade da cidade contemporânea.

Para Milton Santos, os espaços opacos, representados como feios, sem interesse ou perigosos pelo pensamento dominante, oferecem materializações de racionalidades alternativas e saberes racionados a apropriação socialmente necessária dos recursos disponíveis, possibilitando a sua multiplicação. (RIBEIRO, 2012, p. 68).

O fenômeno da pixação e do *graffiti* em grandes cidades, como Salvador, põe em discussão um radical e urgente questionamento sobre o espaço urbano, o uso e direito à cidade. Intervenções que de forma agressiva, despretenciosa e encantadora rasgam as amarras visuais urbanas.

Para o código brasileiro, qualquer tipo de intervenção não autorizada se constitui em crime ambiental (Artigo 68 da Lei 9.605/89). Atualmente o *graffiti* tem grande visibilidade mundial, ganhou proporções midiáticas em que grandes marcas/grupos hegemônicos apropriam-se dessa cultura para atingir maior popularidade, principalmente entre os jovens. Enquanto a pixação se mantém à margem desse processo, carregando rótulo de “a parte ruim do *graffiti*”.

José Augusto Amaro Capela, o Zezão, engloba tanto o *graffiti* quanto a pixação como uma prática artística e social comum: “Grafite

e pichação são uma coisa só, o que muda é a estética. Grafite é uma arte subversiva em sua raiz” (ATHAYDE, 2005, p. 56).

4º Momento – Experiências e encantamento na prática pedagógica

Nesse dia, tivemos um maior *feedback* por parte dos/as alunos/as. Houve a atividade de confecção do lambe-lambe pela turma. Segundo Charlot (2001), o todo saber/aprender ocorre em uma relação com o próprio sujeito, com o outro e com o mundo. Desta forma, o desenvolvimento da atividade prática de uma manifestação cultural, tendo os estudantes como o próprio autor, criou uma atmosfera de pertencimento ao conteúdo tratado em sala de aula.

Mesmo após os 40 minutos de aula, os/as estudantes permaneceram na sala, continuando a atividade. Infelizmente não houve tempo para que conversássemos sobre as frases postas, porém, pelo relato que registramos individualmente de cada aluno, ao final o sentimento é de gratidão pela troca que ocorreu durante os quatro dias de aula que tivemos com a turma. Sobre isso, a aluna Docinho, relatou:

Antes das aulas, eu achava o *graffiti* e a pichação super proibidos, eu pensava: para que serve isso? Eu gosto muito das cores e desenhos, agora eu enxergo tudo como arte e cultura urbana, tudo se encaixa agora. Foi e está sendo muito bom ter vocês como professores, abriram minha mente mais sobre a arte e pensar diferente. [...] É impressionante saber que o mundo todo tem um pouco de cada lugar.

A intenção das aulas era tratar de um tema presente no cotidiano dos jovens e de como as linguagens desenhadas nos muros podem e devem ser repensadas, favorecendo “a mudança

de posicionamento dos sujeitos de maneira que passassem a constituir-se de receptores ou leitores a visualizadores críticos” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 38). Nesse movimento, Andorinha compartilhou a Figura 5, localizado no seu bairro, Engenho Velho da Federação, na capital baiana.

Figura 5 – Muro localizado no bairro do Engenho Velho de Brotas.



Fonte: Acervo dos autores (2016).

O resultado das redações nos mostra que a maioria dos/as alunos/as, de forma coerente, relataram seu “primeiro contato” com a cultura urbana, em específico as suas duas vertentes a pichação e o *graffiti* (que foram os dois aspectos radicalizados nas aulas), de forma a reconhecer as manifestações como artísticas e seus principais autores, jovens negros da periferia.

Tivemos um pouco mais de 136 fotos compartilhadas. Desta forma, podemos dizer que a proposta atingiu os objetivos: despertar nos jovens o interesse e estudo da cultura urbana e suas possíveis relações com a política, cidade, espaço público, territorialidade e identidade; reconhecer as diferentes manifestações culturais como legítimas; identificar arte como reflexo não apenas das emoções do artista, mas do meio social em que se vive.

Considerações finais

Como uma “síntese” dessa experiência, compartilhamos um trecho da redação de Andorinha:

Em minha opinião, o *graffiti* tem um pouco a ver com a Geografia, acho que é uma oportunidade para que o *graffiti* ganhe outro *status* e todos ampliem suas referências de arte por meio de uma linguagem que já nos é tão próxima, também seria essencial incluir na discussão a experiência dos adolescentes. Outra forma de dar continuidade ao trabalho pode ser incluir entrevistas com pessoas.

À medida que os/as estudantes foram se envolvendo com a proposta das aulas, mobilizando-se com o compartilhamento das fotos, foi-se criando um sentimento de reconhecimento das manifestações culturais produzidas nos espaços geográficos por eles/as frequentados e também da correlação entre Geografia e interdisciplinaridade quando se fala em cultura urbana, pichações e *graffiti* os seus outros conteúdos como a densidade demográfica, espaço público, cidades e seus cotidianos urbanos e outros, uma forma de criar redes e ressignificar a forma estrutural da abordagem desses assuntos dentro da sala de aula.

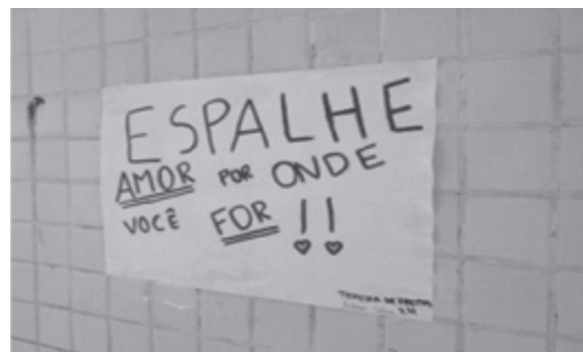
Mesmo tentando não criar uma dicotomia entre *graffiti* e pichação e não apresentarmos as duas formas como dual, bom e ruim, céu e inferno, alguns estudantes continuaram afirmando e

ressaltando o teor meramente vandalizado da pichação. Mas acreditamos que cada um percebeu (em diferentes níveis) que a cidade também precisa ser sentida com o olhar atento.

Por fim, essa experiência reafirmou algumas coisas e nos ensinou outras como a importância de incorporar formas diferentes de abordar um conteúdo e de articular aulas que possam fazer o aluno se sentir parte integrante nesse processo. O caminho é dificultoso, o processo de lecionar muitas vezes é árduo e cansativo, mas houve (haverá) também abraços e sorrisos.

Finalizamos com a imagem de um lambe-lambe produzido por uma aluna em sala de aula, mostrando que eles/as podem ser os autores das manifestações culturais produzidas no espaço urbano e em diversos meios, no caso a própria escola.

Figura 6 – Lambe-lambe produzido pela estudante na atividade em sala.



Fonte: Acervo dos autores (2016).

Referências

AQUINO JÚNIOR, J. O aluno, o professor e a escola. In: PASSAINI, E. Y. et al. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 11.

ATHAYDE, P. **Artimanhas da pichação**: como é o universo dos jovens que se apropriam dos muros das grandes metrópoles em busca de status, expressão artística ou mera curtição. 2005. Disponível em: <<http://cartacapital.com.br/2005/06/2210>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. 85 p.

CHARLOT, B. A noção de relação com o saber: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: _____. (Org.). **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 15-31.

DEIULIO, A. M. **Of adolescent cultures and subcultures**. Milville: The Avnil Press, 1978. Disponível em: <http://www.ascd.org/ASCD/pdf/journals/ed_lead/el_197804_deiulio.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2016.

ENTREVISTA COM O PIXADOR CRIPTA DJAN. TOLEDO, C. Santa Maria, RS: SubsoloArt, 1 set. 2009. 9 min. Disponível em: <<http://subsoloart.com/blog/2009/09/entrevista-com-o-pixador-cripta-djan/>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

GITAHY, C. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 83 p.

HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In MARTINS, R.; TOURINHO, I. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 31-49.

KAPLAN, R. S. C. **Grafite/Pichação: circuitos e territórios na arte de rua**. 2012. 106f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. Brasília, DF: Liber livro, 2010. 179 p.

MACHADO, A. F. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações ético-raciais. **# Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 3, n. 1, p. 1-20, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

MENDONÇA, R. Aos professores e professoras. In: **Salto para o futuro: cultura urbana e educação**. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação à Distância; Ministério da Educação; Governo Federal, 2009. 29 p.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 296 p.

RIBEIRO, A. C. T. Homens lentos, opacidades e rugosidades. **Redobra**, Salvador, Ano 3, n. 9, p. 30-36, abr. 2012. Disponível em <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Homens-Lentos-Opacidades-e-Rugosidades.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 237-280, out. 2002.

WAINER, J. Pichação é arte. **Revista Super Interessante**, São Paulo, n. 213, p. 98, abr./maio 2005.

Submetido em 27 de julho de 2017.

Aprovado em 2 de outubro de 2017.